

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora Class.: 627
Data: 21.03.81 Pg.: _____

GERAL

As portas da reserva de Guarita estão abertas para os granjeiros. Por quê?

Esta a pergunta que índios e pequenos agricultores estão fazendo. Por enquanto, sem resposta. Enquanto isso, granjeiros e representantes da Funai confraternizam. E falam em "esquecimento"

LUIZ ALBERTO SCOTTO (texto) e ARIVALDO CHAVES (fotos), enviados especiais

O agricultor Alcides Sadi interrompeu o discurso do coronel Anael Lemos Gonçalves, assessor da presidência da Funai, para tocar num dos assuntos mais delicados da reserva indígena de Guarita. Perguntou por que os grandes agricultores conseguiram plantar com facilidade dentro da reserva. Além de ficar sem resposta, Alcides Sadi levou três socos e quatro bofetões dos índios e dos agricultores, pela petulância da pergunta. Ele queria saber, anteontem, à noite, num churrasco de confraternização (Funai, índios e agricultores) em Miraguai, por que o pequeno colono e o índio de pouca terra não estavam ali representados. Ninguém respondeu a esta pergunta e todos trocaram abraços e beberam muita cerveja. Mesmo assim, ficou claro que tanto índios como agricultores esperam um contra-ataque da Funai.

Evitando, assim ouvir os discursos sobre o relacionamento dos índios com os colonos.

E foi justamente isso o que aconteceu logo depois do churrasco. Primeiro o prefeito de Miraguai falou, num discurso de dar inveja em termos de analogia: "Um dia apareceu na terra de Canaã, um homem que se comportava galhardamente entre os latejantes raios de sol asiático". Ninguém entendeu nada. Depois foi a vez do prefeito de Tenente Portella, Israel Capellanni: um discurso cheio de agradecimentos para os índios e para os colonos. Em seguida o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Anivo João Rebelato, agradeceu ao coronel Anael Gonçalves — a quem minutos antes chamava "coronelzinho" — agradeceu também ao governador Amaral de Souza e a todos que ajudaram na liberação da reserva que estava interdita. Foi um discurso assim, cheio de falsos agradecimentos. Por último, o coronel Anael Gonçalves, da Funai, fez um pronunciamento em que revelou o seu sofrimento "por causa das cargas emocionais". Disse isso e foi interrompido pelo rapaz Alcides Sadi. Depois agradeceu a todos e estava encerrada a difícil etapa dos discursos. Nenhum índio foi convidado a falar.

Este churrasco de confraternização, patrocinado pela prefeitura de Miraguai, começou todo atravessado. De saída, foi "esquecido" que os índios deveriam também participar, já que se tratava de confraternização, "de esquecimento diziam alguns. Depois que todos se acomodaram, o prefeito de çiragua Noedi Rodrigues de Almeida, resolveu chamar o cacique Sebastião Alfaiate para que participasse do jantar. O cacique sentou-se num dos lugares que havia sobrado, comeu e foi embora.

Depois de tudo isso, os índios diziam que o coronel e as autoridades deram pronunciamentos para



Um encontro no CTG Rodeio da Amizade marcou o jantar do "esquecimento"

não comprometer a ninguém, "só falaram aquilo que todos queriam ouvir. Longe da realidade". Os pequenos agricultores não foram convidados a sentar na mesa, e os índios que já estão sem terra nem apareceram pelos lados do CTG Rodeio da Amizade — o local da "confraternização". Estes dois grupos estão sendo consumidos por uma situação que a cada dia se agrava mais na reserva de Guarita. De um lado está a liderança indígena — o cacique Sebastião Alfaiate e seus amigos — monopolizando de 100 a 150 hectares cada um. De outro lado estão os granjeiros que, depois da expulsão dos pequenos agricultores da reserva, começaram a fazer arrendamentos de terras com os índios. E aí entram as lideranças políticas da região, como o prefeito de Redentora, Nilo Roever. Esse prefeito tem mais de 150 hectares de terras plantadas, dentro da reserva. Como ele, muitos granjeiros vieram de regiões vizinhas plantar dentro da reserva indígena de Guarita: um negócio barato e sem nenhum encargo social. "Negócio de índio", dizem na cidade.

da da reserva. Ontem mesmo dois agentes do IBDF já iniciavam "uma olhada nos matos". Enquanto isto, agentes da Polícia Federal ainda estão na reserva para uma possível "emergência". Tanto os agentes do IBDF, com os da Polícia Federal, acham a hora inoportuna para fazer este tipo de controle: primeiro porque quem estava fazendo a retirada de madeira, com autorização ou não dos índios, já parou. Segundo porque os técnicos do IBDF e da Polícia Federal acham que pode haver um agravamento da situação. No entanto, quem sabe o que se passa na cabeça do coronel Anael Gonçalves — o homem que pediu ajuda da Polícia Federal para retirar 30% da safra

da reserva, para a Funai. O homem que expulsou verbalmente três índios da reserva.

Em Miraguai, Tenente Portela e Redentora, a conversa do povo continua a mesma: relembram a briga dos índios com a Polícia Federal (dois feridos, um de cada lado), e dizem que o cacique Sebastião Alfaiate está "marcado" pela Funai, principalmente depois que o coronel o expulsou da reserva. A preocupação de todos continua sendo o IBDF: resolvido o problema da colheita, começa a questão da madeira. Também nesta parada, os índios estão do lado dos colonos — um caso complicado, mesmo para um coronel.



O prefeito discursa, com uma platéia atenta

Itaipu apresenta sua proposta, mas colonos rejeitam

Num documento de quatro páginas, o general Costa Cavalcanti, presidente da Itaipu Binacional, entregou aos agricultores acampados em Foz do Iguaçu, na manhã de ontem, uma proposta definitiva e considerada como única solução possível para o impasse surgido entre a empresa e os colonos que vão ter suas terras invadidas pelas águas na barragem da hidrelétrica. Fazendo questão de afirmar e deixar bem claro que esta era uma solução, e não uma simples proposta, Costa Cavalcanti ofereceu um reajuste normal de 80% nos preços pagos até agora pela terra desapropriada, o que, segundo disse, estaria "acima da inflação" e "até melhor" do que os reajustes antigos.

eram em síntese, as de pagamento em 15 dias depois de assinados os acordos e laudos de desapropriação e a concordância em manter as benfeitorias até abril de 1982, o que permitirá aos colonos o plantio de outra safra.

Entretanto, ao final de uma reunião realizada na tarde de ontem, os agricultores, por unanimidade, resolveram rejeitar essa e as outras "soluções" encontradas pelo presidente da empresa binacional, permanecendo acampados na rodovia internacional que liga Foz do Iguaçu a Assunção, no Paraguai. As outras propostas do general Costa Cavalcanti, que retornou ao Rio de Janeiro ainda ontem —

Como Costa Cavalcanti já abandonou Foz do Iguaçu, os agricultores, ao final da tarde, encaminharam à diretoria jurídica da Itaipu a reivindicação para que, hoje, seja realizada uma nova reunião, aberta à imprensa. Eles aguardam uma resposta ainda hoje — quando já estará em Foz do Iguaçu, cumprindo um compromisso assumido já há mais tempo, o líder nacional do PDT, Leonel Brizola. Ninguém sabe, no local, que tipo de envolvimento Brizola terá com a questão dos agricultores e a Itaipu Binacional. Ontem, chegou a Itaipu, também, o presidente nacional da Comissão de Justiça e Paz, Walter d'Angellis, trazendo um manifesto de apoio aos colonos. Durante o dia, um grupo de professores, crianças e freiras foi em marcha até o local do acampamento, levando água nos mais variados tipos de vasilhas.

Pelo lado dos índios, a situação não é diferente. Se há tempos atrás todos andavam vendendo arcos e flechas, cestas e chapéus, pelas cidades vizinhas, hoje muito índio corre de carro de um lado a outro da reserva. Alguns têm dinheiro — de plantio e de arrendamento — outros não têm absolutamente nada, nem um pedaço de terra dentro da reserva. O cacique Sebastião Alfaiate se limita a tomar cerveja e discutir se o fusca "puxa mais" que o Corcel e assim por diante. No entanto, garante que sempre que um índio precisa ele fornece um pedaço de terra. Quanto à quantidade de uns e de outros, o argumento usado desmancha qualquer tentativa de discussão. "Entre nós a coisa é diferente: quanto maior a família, maior o número de hectares" Quando esta justificativa não cabe ele fala do posto, do antepassado, de cada índio. Sebastião Alfaiate é um homem de uma desenvoltura incrível, daqueles de fechar um bar e deixar todos gastarem por conta.

Mais uma coisa preocupa os agricultores da região: quando o coronel Anael, da Funai, e os agentes do IBDF vão deixar a reserva? Até agora ninguém sabe e todos temem uma nova intervenção na área para atuar na questão da madeira que constantemente é retirada